

“PROBLEMÁTICA DO SABER HISTÓRICO” ENQUANTO MÉTODO DE APRENDIZAGEM

RESENHA DO LIVRO “PROBLEMÁTICA DO SABER HISTÓRICO” DE MARGARIDA SOBRAL NETO

“PROBLEM OF HISTORICAL KNOWLEDGE” AS A METHOD OF LEARNING
BOOK REVIEW OF “PROBLEM OF HISTORICAL KNOWLEDGE” BY MARGARIDA SOBRAL NETO

Hudson Louback Coutinho da Silva*

Referência da obra completa da obra resenhada: SOBRAL NETO, Margarida. **Problemática do Saber Histórico.** Coimbra: Palimage, 2013.

Margarida Sobral Neto nasceu em Portugal, no ano de 1953 na região de Sernancelhe. Licenciou-se em História em 1976 e doutorou-se em 1992 com a defesa da tese *Regime Senhorial, Sociedade e Vida Agrária: o Mosteiro de Santa Cruz e a região de Coimbra (1700–1834)*, ambas na Universidade de Coimbra. Durante sua trajetória, escolheu como principais campos de pesquisas: História da época Moderna, História rural, História local e História da historiografia. Atualmente é professora da Universidade de Coimbra, investigadora do Centro de História da Sociedade e da Cultura e também membro da Academia Portuguesa de História, membro da Rede Portuguesa de História Ambiental e da Associação de História Econômica e Social.

Entre muitas publicações, como artigos e livros publicados, a obra escolhida para análise é o livro *Problemática do Saber Histórico: Guia de Estudo* publicado em dezembro de 2013 e relançado em 2017. Logo de início, a historiadora portuguesa esclarece o objetivo principal que permeou o desenvolvimento da obra em questão. Com mais de três décadas lecionando sobre historiografia na cadeira que atualmente é designada como *História e Problemática do Saber Histórico*, Sobral nos apresenta a dificuldade em encontrar uma bibliografia adequada para os graduandos que recém ingressam na vida acadêmica. Diante dessa dificuldade, foi produzindo textos e dialogando com historiadores da área da Teoria da História para facilitar a compreensão dos estudantes. Organizando, assim, textos nesse guia de estudos que elencamos para análise.

Para compreendermos o contexto do livro, para além da questão da complexidade dos escritos sobre teoria da história, a autora revela que julgou importante ressaltar aspectos que têm relação direta com o perfil que é exigido do acadêmico de história, devido a chamada reforma de Bolonha. Reforma essa que teve como objetivo trazer uma unidade na educação superior na Europa, supostamente facilitando a entrada dos estudantes ao mercado de trabalho. O que, até hoje, ainda traz muitas críticas à qualidade de ensino nas universidades.

A autora elenca, assim, sete pontos que julga serem essenciais para a formação desses acadêmicos; são eles: conhecimentos abrangentes sobre o passado humano, competências técnicas específicas, capacidade de pensar teoricamente os processos históricos, contato com as

fontes e experiência de produção de conhecimento histórico, horizontes interdisciplinares, percepção do valor social do conhecimento histórico e, por último, conhecimento das raízes históricas das grandes questões do presente.

Com base nesses sete pontos, Sobral Neto divide seu livro em cinco partes, as quais acredita serem pontos relevantes para se compreender o saber histórico. Assim, o livro divide-se em cinco capítulos intitulados: Noções básicas de epistemologia histórica; Conhecimento histórico; O ofício de historiador; Territórios do historiador; Lugar da História na sociedade atual. Em todos os cinco capítulos, a historiadora dá início ao texto utilizando uma breve apresentação do tema, fundamentado em textos da historiografia, evidenciando a relação de textos consagrados com os temas abordados. Para isso, escolhe minuciosamente citações que sintetizam os assuntos abordados. No final do livro, nos apresenta uma bibliografia separada por temas e um glossário, o que auxilia na compreensão de conceitos relacionados à historiografia.

No primeiro capítulo *Noções básicas de epistemologia histórica*, a autora auxilia o leitor a compreender a definição de História. Ao mostrar que há várias definições de História, Sobral apresenta três principais. Assim, podemos definir História como o conhecimento do passado humano, como ciência dos homens no tempo e o passado na medida em que podemos conhecer. Em seguida, ressalta qual seria então o significado da palavra História, sendo utilizada em várias ações, entre elas: vida do homem ao longo do tempo, o conhecimento da vida do homem ao longo do tempo, ciência ou área do saber que estuda a vida do homem.

No segundo capítulo, Margarida Sobral Neto aponta os principais discursos sobre o conhecimento histórico. No primeiro caso, enumera três paradigmas: o positivista, os antipositivistas e o pós-modernos. Mostrando, assim, o amplo debate sobre a natureza científica da história. Em um ponto importante desse capítulo, a autora ressalta a contribuição de Lucien Febvre ao defender que o conhecimento histórico é possível com base em uma relação entre historiadores e as fontes, sendo impossível a ausência de um desses fatores para a obtenção do resultado final. Ao terminar esse capítulo, a autora nos mostra a importância de se buscar uma interdisciplinaridade entre o campo da História e das Ciências Sociais.

No terceiro ponto desse guia, a questão central é o ofício do historiador. Ao questionar o que é ser historiador hoje, utiliza uma citação de Peter Burkert em uma entrevista de 2005, na qual ele afirma acreditar que o papel do historiador é de um intérprete, intérprete do passado no presente. Logo, seriam uma espécie de tradutores, e problematiza que, como um tradutor, o historiador tem um certo dilema em ser ou não fiel ao passado. Assim, com essa citação, Sobral nos apresenta e introduz ao debate sobre o que significa e quais as problemáticas no ofício do historiador. Ao nos apresentar essas questões, podemos observar a ênfase em Marc Bloch, Lucien Febvre e Braudel no que diz respeito às críticas a uma história política e militar que se centrava em protagonistas militares, políticos e em elites, esquecendo homens e mulheres das camadas populares. Questões que a própria historiadora trás em seus trabalhos, principalmente nas questões dos agricultores, movimentos camponeses, poderes locais e regimes senhoriais.

No quarto capítulo, a pesquisadora nos apresenta os possíveis “Territórios do historiador”. Mesmo a história sendo um dos campos mais antigos do saber, passa a ser vista

como uma área da ciência apenas recentemente. Por isso, a autora separa essa questão em dois momentos, o primeiro de 1900 a 1970 e o segundo de 1980 até à atualidade. Até a década de 1980 observamos, segundo a autora, uma história econômica, com foco nas crises econômicas. Outra área importante nesse período eram os estudos demográficos, com estudos de natalidade, mortalidade. Para exemplificar esse primeiro período, lista historiadores de Portugal que trabalharam com essas temáticas. Em seguida, nos mostra uma preocupação nas histórias sociais, com foco nas questões estruturais, hierárquicas e relações sociais.

Mas foi a partir da década de 1980 que surge uma nova história social política e da cultura. Segundo a autora, alguns historiadores retomam a história que Marc Bloch acreditava ser essencial, o estudo de todos os homens e mulheres. Para isso seria necessário novos campos de pesquisa para contar as histórias de pessoas que foram silenciadas, grupos que não tinham sido protagonistas na historiografia. Além dos variados fenômenos sociais, como violência, pobreza, criminalidade, entre outros. Ao que surge novos rumos da historiografia, como: história global, história ecológica; história das mulheres e da família; história das vivências religiosas e das religiões, história da ciência, entre outras.

No último capítulo, a questão central é o lugar da História na sociedade atual. A autora nos apresenta o fato de que a História, por diversas vezes, foi utilizada por poderes que buscaram no passado meios de legitimar interesses do presente. Apresenta, então, como exemplo o contexto de Portugal durante o Estado Novo, por meio de um Decreto de 1932, que estabelece o que seria o objetivo da história. Mostrando assim que, de acordo com esse documento, a história de Portugal deveria servir para fortalecer a importância da família, da fé e que, junto a isso, a autoridade é importante para o progresso, levando em consideração a hierarquia e a firmeza do governo.

Assim, Sobral nos mostra como determinados governos se apropriam do passado para legitimar ações no presente. Por isso, por meio desse exemplo, nos apresenta a importância do historiador/cidadão que questiona o passado para compreender o presente. Mostrando, assim, a importância de se estudar a história da historiografia. Observamos que mesmo não sendo explícito esse objetivo, a autora utiliza para além de uma historiografia tradicional, voltada para grandes historiadores franceses e alemães, historiadores que são normalmente utilizados quando se trata de Teoria da História. Buscando, assim, dar voz à historiadores menos utilizados nessas questões, contudo não menos importantes.

Essa questão é muito pertinente no que tange a reflexão acerca do ensino de Teoria da História no Brasil. Nas Universidades, no geral, recorre-se à historiadores europeus para a elaboração de um questionamento da escrita da História. Assim, por vezes, não se utiliza as obras de autores latino-americanos, inclusive os brasileiros. A retórica utilizada para tal baseia-se num argumento que afirma ser escassa a produção voltada para a área, argumento este que se esvai a menor pesquisa, pois, nos últimos anos, cada vez mais pesquisadores se preocupam em debater a historiografia nacional, além da já amplamente debatida historiografia internacional, considerada tradicional.

Como principal exemplo, a historiadora portuguesa se utiliza do contexto em que está inserida e nos apresenta uma série de historiadores portugueses, no qual destaca o historiador e

cientista social, Vitorino Magalhaes Godinho. Nascido em 1918 em Lisboa e falecido em 2011, aos 92 anos. Foi professor na Universidade de Lisboa e é considerado o pioneiro nos estudos sociais em Portugal. Por ter feito doutorado na França, tem como principal influência a Escola dos Annales. Exatamente nesse ponto que a autora nos apresenta o historiador como uma referência para os debates da escola dos Annales.

Margarida Sobral Neto consegue, assim, contribuir para a formação de estudantes que buscam compreender melhor a historiografia global, buscando fazer um panorama geral, como um guia de estudos. Por isso, acreditamos que essa obra, por mais que não se proponha a trazer algo novo em relação à historiografia, cumpre muito bem o papel proposto pela historiadora, que consiste em auxiliar os estudantes no que, segundo ela, seria uma melhor compreensão dessa temática, a fim de conseguirem melhor interrogar o passado. 🌐

*O autor, à época do envio deste trabalho, cursava o 9º período do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina. O aluno participava ainda do Laboratório História Social do Trabalho e da Cultura sob a orientação da professora tutora Beatriz G. Mamigonian. E-mail: hud.louback@hotmail.com.